

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
EDUCAÇÃO FÍSICA BACHARELADO

DANDARA MARIA BEZERRIL ACIOLI BARRETO

JULIANA ELAINE DE LIMA OMENA

**A MULHER NO ESPORTE: representações do basquete master ao longo da
vida**

MACEIÓ

2021

DANDARA MARIA BEZERRIL ACIOLI BARRETO
JULIANA ELAINE DE LIMA OMENA

**A MULHER NO ESPORTE: representações do basquete master ao longo da
vida**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Educação
Física Bacharelado da Universidade
Federal de Alagoas, como requisito
parcial para obtenção do grau de
bacharel em Educação Física.

MACEIÓ

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecário: Cláudio César Temóteo Galvino – CRB4/1459

B273m Barreto, Dandara Maria Bezerril Acioli.
A mulher no esporte: representações do basquete master ao longo da vida /
Dandara Maria Bezerril Acioli Barreto; Juliana Elaine de Lima Omena. – 2021.
28 f.

Orientadora: Leonéa Vitória Santiago.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Educação Física) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Educação Física e Esporte.
Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 22-24.
Anexos: f. 25-28.

1. Mulher no esporte. 2. Basquete – Master feminino. I. Título.

CDU: 796.323:396

RESUMO

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e cunho exploratório descritivo, os sujeitos foram 21 mulheres praticantes da modalidade basquete master, participantes de dois grupos denominados “Sobreviventes” e “GFAB (grupo Flávia Albuquerque de basquete)” com faixa etária compreendida entre 30 e 66 anos. Para a coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada *online* e o tratamento dos dados foi realizado pela análise de conteúdo, assim, foram identificadas cinco categorias que descrevem as representações e reafirmam os sentidos e significados que estes dois grupos atribuem ao basquete, sendo elas: oportunidade de vida, atividade prazerosa, vontade de poder, retorno ao passado e união para além da quadra, todas estas categorias descrevem de forma positiva e benéfica a prática do basquete, além das contribuições do basquete nos aspectos físicos e socioemocionais de cada atleta. Embora as categorias encontradas tenham sido comuns a ambos os grupos, alguns aspectos diferem, como a formação do grupo, os objetivos, as características dos encontros e o sentido de competição. Sendo assim, os sentidos atribuídos são plurais e transpassam vários aspectos da vida destas mulheres, seja emocional, físico ou cognitivo ou social.

Palavras-chave: Mulher no esporte. Basquete. Master feminino.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. OBJETIVO GERAL	9
3. OBJETIVO ESPECÍFICO	9
4. JUSTIFICATIVA	9
5. METODOLOGIA	9
5.1 Tipo de pesquisa	9
5.2 Característica do grupo estudado	10
5.3 Tipo de análise dos dados	11
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22
ANEXO	25

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que o universo esportivo inicialmente configurou-se como um tipo de exercício físico predominantemente masculino, desde a infância os meninos são mais estimulados à prática de atividades físicas e brincadeiras que necessitam de espaço físico, o que contribui com o desenvolvimento do repertório motor; enquanto as meninas, muitas vezes são incentivadas a brincar de boneca e de casinha, dançam balé e são educadas para serem “princesas” (CAMPOS; ROSOLEM; ZUZZI, 2018, p. 8). Embora atualmente estes padrões estejam sendo cada vez mais discutidos e dissolvidos, estes estigmas ainda encontram-se presentes na sociedade.

Para ilustrar a falta de incentivo ao esporte feminino, até pouco tempo atrás as mulheres eram proibidas de praticar determinados esportes, em 1965, o Conselho Nacional de Desportos deliberou que não era permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo-aquático, pólo, *rugby*, halterofilismo e *baseball*. Segundo Garcia (2018, p. 501) “o esporte está intimamente ligado aos estereótipos que uma mulher ou um homem podem realizar ou não com seu corpo, além de estipularem para ambos lugares determinados na sociedade.”

Com isso, o estereótipo de gênero feminino foi geralmente representado pela delicadeza, sensibilidade e fragilidade, enquanto que o masculino foi relacionado a força, a agressividade e a conquista, inserindo na sociedade um conceito estabelecido do que é ser homem e mulher. Porém, quando falamos de gênero, fazemos alusão a um conceito formulado pelas ciências sociais para analisar a construção sócio-histórica das identidades masculina e feminina (GARCIA 2018), ou seja, uma construção social e cultural.

Apesar do esporte ser considerado um fenômeno social de grande apreço e visibilidade, este espaço sempre foi facilmente mais acessado pelos homens, desta forma, a conquista do espaço feminino neste meio sempre foi mais desafiadora e pouco estimulada. Na tentativa de minimizar essa desigualdade entre os gêneros no esporte, algumas iniciativas foram realizadas, como a primeira Conferência Internacional sobre Mulher e Esporte que ocorreu em Brighton, no Reino Unido, em 1994, em que foi feito um documento chamado Declaração de Brighton sobre mulher

e esporte, que apresenta princípios que devem orientar ações para incrementar a participação feminina. Brauner (2015, p.7) ressalta que:

Muitos dos valores fundamentais inerentes ao esporte são também compatíveis com os princípios necessários para o desenvolvimento de habilidades para a vida, como o empoderamento dos indivíduos, aumento do bem-estar psicossocial, autoestima e melhoria na qualidade dos relacionamentos com outras pessoas

Outro documento que auxilia neste processo, é o da Organização das Nações Unidas, chamado Esporte para o Desenvolvimento e a Paz, um tópico deste documento direciona o esporte como instrumento para a educação e inclusão de meninas desenvolvendo, além de habilidades, a socialização e o empoderamento feminino (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2003, p. 17).

Devido uma comparação injusta entre homens e mulheres, a visibilidade midiática, o consumo e o incentivo dado ao esporte feminino é inferior, isto fica evidente nos esportes coletivos, em que a transmissão de jogos pelos meios de comunicação são majoritariamente masculina. Assim, a popularidade de algumas modalidades esportivas femininas demorou para acontecer, um exemplo disto é o basquete, no qual o naipe feminino ganhou visibilidade no Brasil, devido às conquistas significativas que houveram nos anos 90 (ROSTIROLA; MACHADO; TERTULIANO. 2016, p 6).

O basquete é um esporte coletivo em que duas equipes disputam para marcar mais pontos ao acertar a bola numa cesta, é um esporte complexo e imprevisível que envolve um processo dinâmico e contínuo com ações que são desenvolvidas com velocidade e com constantes mudanças de ritmo, é necessário que os atletas desta modalidade possuam agilidade, força e potência.

Além disso, o basquete se configura também, como uma prática social por possibilitar um momento de convívio, visto que, muitos praticantes de basquete na infância e adolescência continuam a envolver-se em atividades esportivas, mesmo não seguindo na carreira profissional, já que para muitos dos integrantes, a sociabilidade estabelecida no grupo é mais significativa e importante que o próprio jogo, sendo esse o principal motivo atribuído à permanência (SILVEIRA e ROSA, 2010).

O esporte em si tem assumido novos significados nas últimas décadas sendo, talvez, um dos fenômenos de maior alcance global no período, fazendo parte da vida das pessoas como elemento integrador no tecido social (GALATTI *et al.*, 2018). Isto impulsiona a multiplicação de personagens desta prática, englobando ao esporte não apenas os atletas profissionais, mas também, outras apresentações de praticantes. Desta forma, começaram a se desenvolver grupos de ex atletas/praticantes com o intuito de manter-se ou reaproximar-se da prática desportiva, inserindo-a em sua rotina, Moreira; Campos; Vagetti (2014), afirmam que:

Esta categoria esportiva, criada em 1969 possui um crescente número de atletas e, atualmente é conhecida em todo mundo. No Brasil, o basquete veterano foi iniciado no Rio de Janeiro, por um grupo de atletas que queriam estender o seu convívio social, organizando assim encontros semanais onde pudessem comentar suas jogadas e feitos, partilhando-as com os amigos e familiares.

Sendo assim, o praticante do basquete master, também chamado de veterano, pode atribuir significados diferentes à prática esportiva, se comparado aos significados de atletas mais jovens e/ou rendimento. Martins *et al* (2014, p.686) comentam que “o esporte é aquilo que se faz dele, pois à medida que atende aos objetivos de seus praticantes o sentido atribuído ao mesmo também tem relação com seus efeitos.” O entendimento de como os indivíduos se percebem na relação com a sociedade ou com um fenômeno social caracteriza as ações dos indivíduos no grupo e nos permitem entender melhor como as relações se estabelecem e como estes fenômenos sociais se dão Araújo (2008, p. 06) destaca que:

A representação social trata-se do sentimento que têm sobre a realidade, as ações e informações que reuniram e transformaram em uma teoria do senso comum, apta para explicar a sua realidade e a si mesmo. Mas esta teoria é dinâmica, capaz de absorver ou excluir alguns dos seus elementos, na sua tarefa de compreensão da realidade e oferta de subsídios para a ação dos indivíduos sobre esta mesma realidade.

À vista disso, a Teoria das Representações Sociais, desenvolvida por Moscovici em 1961, aborda que a representação do indivíduo sobre determinada coisa demonstra como as pessoas se reconhecem diante da sociedade e como os conhecimentos, ideias e valores constroem valores na sociedade. Sendo assim, esta pesquisa tem como problema norteador: Quais as representações sociais das atletas masters de basquetebol de diferentes idades sobre sua prática?

2. OBJETIVO GERAL

Identificar a fim de interpretar as representações sociais da prática do basquete ao longo da vida das atletas master.

3. OBJETIVO ESPECÍFICO

Identificar as semelhanças e diferenças entre os dois grupos de atletas master denominados “Sobreviventes” e “GFAB (grupo Flávia Albuquerque de basquete)”.

4. JUSTIFICATIVA

O intuito de trabalharmos com este grupo provém do fato de haver poucas pesquisas com as atletas masters de basquete nesta linha de investigação, além disso, é relevante afirmar o esporte como uma prática alternativa de exercício físico na vida adulta e fomentar a discussão sobre o tema aumentando a visibilidade para as atletas. Este trabalho torna-se interessante para os profissionais de EF, visto que, a maioria dos estudos sobre a modalidade esportiva basquete se dirigem para a intervenção com o público infanto-juvenil. Portanto, o estudo se justifica por tratar de um tema ainda incipiente na área de conhecimento da Educação Física e Ciências do Esporte.

5. METODOLOGIA

5.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa tem natureza qualitativa e cunho exploratório descritivo, pois deseja conhecer a opinião dos sujeitos pesquisados, valorizando suas subjetividades. A pesquisa qualitativa se preocupa com o universo de significados, motivos, aspirações, opiniões e valores que não podem ser quantificados (MINAYO, 2010), já que focaliza nos sentidos que determinado grupo atribui a um fenômeno particular, levando em conta seu contexto e suas múltiplas dimensões.

5.2 Característica do grupo estudado

O grupo estudado foi composto por 21 mulheres praticantes do basquete master em Alagoas, participantes de dois grupos distintos, as atletas numeradas do 1 ao 11 correspondem ao grupo GFAB e as numeradas dos 12 ao 21 grupo Sobreviventes. Elas têm faixa etária compreendida entre 31 e 63 anos e com idade média de 40 anos, todas são ex-praticantes de basquete na infância e adolescência, 47% são mães, e todas trabalham fora de casa. Dentre as profissões exercidas, embora sejam variadas, uma quantidade expressiva é formada em Educação Física, 24% delas, esta é a profissão mais exercida, e as falas demonstram que a escolha profissional foi realizada devido a vivência com o basquete. Além da influência na profissão, é possível perceber que o basquete e as relações pessoais também atuam como determinantes importantes para a percepção da qualidade de vida.

Para o recrutamento das participantes, foi enviado um convite individual por e-mail, na forma de lista oculta, onde foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a sua anuência e prestados os esclarecimentos necessários. Para alcançar o objetivo desta pesquisa foi utilizado como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada *online*. Na entrevista semiestruturada segundo Santos e Candeloro (2006, p. 75) “há uma confluência de perguntas previamente elaboradas com outras pautadas a partir das respostas e elucubrações dos entrevistados”.

As plataformas online podem ser um ambiente facilitador da aplicação deste instrumento, visto que, milhares de pessoas utilizam a internet diariamente, e com a realidade atual de distanciamento social, devido à pandemia mundial causada pelo vírus covid-19, esta utilização se expandiu, sendo interessante que se aprenda a explorá-los e a usá-los quando tal uso for adequado, ou mesmo necessário, para os objetivos de pesquisa. (COSTA; ROMÃO-DIAS; LUCCIO, 2009). As entrevistas foram realizadas pela ferramenta *google meet*, porém, apenas o áudio da entrevista foi gravado, por meio dos celulares das pesquisadoras. Por se tratar de dados coletados *online*, seu armazenamento foi arquivado e preservado no *drive* do *gmail* dos pesquisadores e foi de responsabilidade dos mesmos, tendo seu sigilo e confidencialidade assegurados, uma vez concluída a coleta de dados, os

pesquisadores apagaram todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, “nuvem” ou ambiente compartilhado. Como a coleta de dados ocorreu em ambiente virtual, foi informado à participante a importância de guardar em seus arquivos uma cópia do documento do TCLE.

5.3 Tipo de análise dos dados

Os dados foram tratados por meio da análise de conteúdo, que tem como objetivo analisar aquilo que está sendo dito sobre determinado tema, descobrindo sentidos e significados que estão intrínsecos, sobre este tipo de tratamento de dados, Guerra (2006, p.83) afirma que “volta-se ao material original registrado na gravação e já transcrito, e recompõem-se em fragmentos do discurso dispersos ao longo do texto.” Sendo assim, os dados apresentados foram organizados em categorias, nas quais foram estabelecidas a *posteriori*, com base nos elementos comuns das falas e interpretados para tentar evidenciar os sentidos atribuídos. Cada entrevista foi realizada individualmente, sendo gravada e transcrita fielmente em documento do Microsoft Office Word.

Os dados foram agrupados, a partir de fragmentos do discurso, em cinco categorias que evidenciam as semelhanças presentes em ambos os grupos investigados, categorias estas, em sua totalidade positivas e que trazem a representação social do basquete na vida das atletas, independentemente da idade e do grupo em que está inserida. Em seguida serão apresentadas e discutidas:

Oportunidade de vida

Oportunidades promovidas pelo esporte, estimula ainda mais a constância das crianças e adolescentes nos esportes, pois não devemos esquecer, que os jovens praticantes de esportes, principalmente de classe social mais baixa, têm acesso a algumas oportunidades que outros da mesma idade por muitas vezes não tem. Gaya e Marques (2004, p. 71) apontam que:

Diferentemente da maioria dos seus colegas da mesma idade e de nível econômico mais baixo que não tem oportunidades para participar de equipes e competições esportivas, convivem em grupo com interesses comuns, compartilham ambientes sociais diversos. Viajam juntos, conhecem amigos novos em cada torneio, inclusive

muitas vezes se hospedam em casa desses novos amigos (adversários nas quadras esportivas), conhecem novas cidades, etc.

Desse modo, o que o basquete é capaz de oferecer as atletas pode iniciar logo nos primeiros anos de contato com o esporte, ainda no ambiente escolar e a depender do desempenho que venha a perdurar há a possibilidade dessas oportunidades acompanharem a vida adulta, contribuindo para suas formações profissionais com isso as experiências vividas no esporte, influenciam indiretamente em diversos outros aspectos da vida do atleta.

O basquete ele sempre esteve presente na minha vida, desde os 10 anos e ele sempre foi uma oportunidade para mim, até hoje ele é, sendo que eu estou numa etapa diferente de vida, porque no colégio eu jogava basquete e eu tinha bolsa de estudos, estudava em um colégio particular [...] e quando eu entrei na faculdade, a faculdade dava 40% desconto na mensalidade para atletas (Atleta 5).

Primeiramente o basquete mudou a minha vida, eu digo que grande parte do que eu sou eu devo a basquete, ele transformou a minha vida porque me deu excelentes oportunidades, porque através do esporte eu estudei em escola boa, através de basquete fiz a minha faculdade (tive bolsa), fiz a minha MBA (com bolsa) e conheci outros lugares do Brasil (Atleta 6).

Muitas coisas que eu tive na vida veio do basquete, questão de experiências porque eu joguei na seleção também, então eu viajei muito com pessoal do basquete. Misturava as meninas que vinham de escola pública e que vinham de escola particular, então haviam realidades muito distintas, a gente começa a ver novas perspectivas da vida (Atleta 15).

Ao analisarmos as falas dessa categoria, as atletas apontam as oportunidades que o esporte basquete proporcionou para suas vidas, para as suas formações educacionais, profissionais e também possibilitando experiências como viajar e conhecer outros estados do Brasil por representar o estado em diversas competições, o esporte se tornou uma ferramenta para o crescimento cultural e formativo. Citando como exemplo a fala da Atleta 6, observamos as oportunidades que a prática do basquete trouxe para essa atleta em um importante período da sua vida, para sua formação discente desde a educação básica á sua pós graduação, oferecendo oportunidades que talvez se não fossem as bolsas de estudos, essa atleta não teria experienciado em boas instituições de ensino do estado.

Atividade prazerosa

É inquestionável os diversos benefícios de uma prática regular de exercícios físicos para a saúde física e mental do nosso corpo, mas em alguns casos manter-se constante pode ser um desafio para muitas pessoas, por isso que quando há uma escolha prazerosa pela prática escolhida a facilidade de se continuar fisicamente ativo são bem maiores.

Com isso os recortes abaixo apontam que, os treinos de basquete estão fortemente ligados a um momento de lazer, do dia/da semana dessas atletas, e que essa representação estimula a assiduidade das atletas nos treinos. Devido a isso são encarados como uma oportunidade de entretenimento e diversão, não havendo tanta pressão para um desempenho mais elevado, tornando a prática mais agradável (BERNARDES; YAMAJI; GUEDES, 2014) pois havendo prazer no que se faz, torna a prática esportiva muito mais constante e prazerosa, transformando assim em um momento muito ansiado de suas rotinas.

É muito bom para gente que já tem uma certa idade, vamos dizer assim, é muito gratificante você sai do trabalho à noite, trabalha o dia inteiro e tem aquele momentozinho lá com suas amigas que você esquece seus problemas, que você esquece tudo e se dedica a jogar (Atleta 2).

(...) eu acho que o basquete é um momento do meu dia da minha semana que eu mais me desconecto das coisas do dia a dia, dos meus problemas, uma amiga nossa que é desse time disse, ela é psicóloga e fala muito em meditação e ela disse que meditar é quando a gente tá com corpo e alma no mesmo local então eu acredito que muitas de nós meditamos dentro da quadra porque a gente esquece os problemas e preocupações, esquece as angústias e vive aquele momento ali é atenção voltada para o esporte (Atleta 11).

(...) apesar de ser um grupo de um montão de mulher a gente deixa fora da quadra aquilo que não interessa ali no momento, tipo a nossa profissão, nosso estado civil, quantos filhos a gente tem, na quadra a gente realmente procura se divertir é o nosso momento de lazer é nosso momento de diversão e a gente procura colocar na quadra uma forma de extravasar (Atleta 16).

Citando como exemplo a fala da Atleta 2, observamos que mesmo após um dia exaustivo de trabalho, não é pretexto suficiente que a impeça de ir ao treino, ao contrário, é gratificante ainda ter esse momento no seu dia.

Vontade de poder

Ao analisar as falas pudemos verificar o quanto o basquete e os suas experiências, vão muito além de uma prática esportiva, onde o foco é treinar o corpo, aprender gestos motores, técnicas e táticas esportiva para uma melhor performance em jogo, o aprendizado, a formação que fica para essas atletas é de um desenvolvimento pessoal muito grande, uma construção de uma mentalidade e de personalidade evoluída e muito consciente do que basquete proporcionou para elas nessa construção da sua individualidade e originalidade.

(...) minhas melhores amigas vieram do basquete, as próprias “sobreviventes” vieram do basquete, a minha noção de disciplina, noção de hierarquia, de respeito. Para mim, com o basquete você aprende a lidar com a derrota, aprende também a lidar com as vitórias, todo esse aprendizado para mim vem do basquete, então assim minha vida não seria a mesma sem o basquete, com certeza (Atleta 15).

(...) ele é uma filosofia, me ensinou a trabalhar, a encarar com a cabeça erguida as derrotas, ele é uma filosofia porque ele me ensinou a trilhar um caminho com equilíbrio, com auto-confiança, o basquete é ensinamento, o basquete é afirmação e construção (Atleta 19).

(...) autonomia, desenvolvimento pessoal, desenvolvimento profissional, não tenho nem como dizer uma palavra só, porque o esporte coletivo proporciona isso para gente, de trazer vivência[...] eu sou essa pessoa hoje por conta do basquete, porque a gente aprende a conviver em grupo. Aprendi a respeitar, ser mais flexível, respeitar as limitações dos outros, então tudo isso a gente consegue trazer na vivência do esporte coletivo (Atleta 10).

Fiquei parada quase uns 10 anos sem jogar basquete. Aí voltei agora, quando voltei eu tive um câncer aí foi quando eu fiquei um pouco parada, mas foi um ano só... depois voltei, meu médico disse que era bom fazer esporte, ele até me falou que como eu tinha feito esporte isso ia me ajudar bastante e realmente eu creio que como eu sempre gostei de esporte, pratico desde pequena, me ajudou bastante a me recuperar mais rápido e mesmo no tratamento. Eu sempre dizia ao médico que estava jogando e ele dizia que era ótimo jogar e que era tranquilo, então o basquete me ajudou muito em relação ao tratamento com câncer (Atleta 6).

Isso ocorre, pois a construção das características psicológicas de atletas são desenvolvidas e solicitam atributos como concentração, autoconfiança, força mental, resiliência, capacidade em lidar com pressão entre outras particularidades que desenvolvem no atleta e por consequência no desenvolvimento pessoal (GOMES et. al 2018), exemplificando assim na fala da atleta 10, onde constatamos a importância do basquete na construção do seu ser não apenas como atleta, mas principalmente

como pessoa. Um relato muito interessante foi da atleta 6, onde na nossa entrevista pudemos perceber o quão importante e feliz foi para essa atleta passar por todo um tratamento de câncer e ainda sim jogar basquete e reconhecer a importância desses momentos em quadra seja jogando, assistindo ou simplesmente convivendo com as demais para a sua recuperação.

Além disso, esses recortes nos remetem ao empoderamento por meio do esporte, se as atletas em quadra conseguem vencer obstáculos, adversários, adversidades e seus próprios limites, elas também podem evoluir e superar os anseios e desafios da vida e as atletas reconhece estes ensinamentos que o esporte traz para o seu cotidiano e para as suas batalhas pessoais.

Retorno ao passado

Nesta categoria ficou evidenciado o impacto que estar na quadra gera nessas atletas, o quanto o “racha” faz com que elas revivam acontecimentos do passado, despertando lembranças de momentos felizes e que apesar de tanto tempo o basquete ainda reaviva bons sentimentos e ótimos momentos. Sendo possível observar nos recortes abaixo, o saudosismo em suas falas:

Quando a gente vai na quadra e pega naquela bola a cabeça não corresponde ao corpo e o seu corpo envelheceu, eu sempre fui aquela pessoa que teve o melhor condicionamento físico, que tem que marcar pressão na quadra no jogo inteiro e eu me divertia mesmo cansada, mas eu saía inteira. O dia do basquete não é só o dia do “racha” é o dia que a gente tira para gente, que a gente faz a nossa higiene mental é o dia em que a gente volta a ser criança e tudo faz com que a gente tenha longevidade é isso que representa (Atleta 19).

(...) primeiro tem uma questão de nostalgia de você reviver muita coisa não foi muito meu caso que eu nunca fui atleta de ponta né, mas no caso é viver as nossas amizades de passar de fazer outras amizades (Atleta 13).

O bom do “racha” é porque além de ter obviamente a competição, mas tem esse lado que é muito prazeroso do reencontro de lembrar Juventude (Atleta 8).

A prática do basquete na atualidade, acaba remetendo à infância e adolescência das atletas, além de trazer lembranças, estar em quadra as “transportam” para este período da vida (HILGEMBERG; MARQUES, 2020). O que representa para as atletas um momento nostálgico e essa memória unida a ação de

jogar basquete revive nessas atletas momentos do passado que as conectam com sentimentos de pertencimento e fortalecem relações significativas.

União para além da quadra

Nesta categoria, as falas das atletas remetem ao vínculo afetivo que o basquete proporcionou e proporciona para elas. Pois além de dividirem a afinidade pelo basquete, acabam construindo amizades dentro do esporte por desenvolverem relações próximas por compartilharem parte de suas rotinas. É possível verificar que as praticantes *masters* de basquete estabelecem uma forte relação entre o esporte e as amizades. A maioria deles mantém relações sociais com colegas do basquete em suas vidas sociais, pois o envolvimento torna-se estreitado ao longo de sua convivência em jogos e torneios, principalmente nas viagens realizadas pelos grupos (PASTRE, 2006, p.12).

(...) a gente tá sempre junto, sempre chega junto nesse sentido para dar suporte o grupo é de muita união, é muita alegria, muita diversão, fraternidade é muito amor, é tudo isso (Atleta 15).

Eu acho que as meninas são muito massa, cada uma tem seu papel, tem aquela de reunir, tem aquela de brincar, tem aquela de produzir eventos, é tanta gente agora, mas a gente fica muito feliz de participar de um grupo grande. Ali ninguém tá procurando briga, confusão (Atleta 17).

As "Sobreviventes" eu digo sempre que é uma Irmandade nós somos irmãs que o destino fez com que a gente se encontrasse, mas que a gente abraçou com muito amor é uma extensão da nossa família, a gente brinca a gente briga muito raramente a gente tira onda uma com a cara da outra, coisa que se alguém de fora ver pensa que vai dar briga, mas não dá (Atleta 19).

Esse grupo é mágico a gente mesmo sem jogar, eu por exemplo fiz cirurgia de joelho não posso mais jogar é um estado permanente eu não vou conseguir jogar, mas a gente tem vontade de estar juntas, então a bola de basquete hoje é o que menos conta na verdade, é uma coisa mágica (Atleta 12).

É perceptível nas falas, o quanto as relações afetivas formadas pelo basquete são importantes para cada uma delas, no esporte master elas construíram "uma rede de apoio" recorte das falas, que vai além do jogar basquete, o da parceria em quadra, elas apoiam umas às outras em outros seguimentos da vida.

A seguir, serão apresentados dois quadros, o primeiro com as principais semelhanças entre os grupos e o segundo contendo as principais diferenças verificadas entre eles.

Semelhanças entre as representações do basquete	
GFAB	Sobreviventes
Oportunidade de vida	
Atividade prazerosa	
Vontade de poder	
Retorno ao passado	
União para além da quadra	

Diferenças entre as representações do basquete		
	GFAB	Sobreviventes
Formação do grupo	Mulheres que se juntaram para participar de competições de basquete master.	Mulheres que se juntaram para se encontrar e jogar basquete.
Objetivos	Promoção do basquete Master como exercício físico, disseminação e ampliação da prática esportiva, participação em competições.	Prática de atividade física prazerosa, reencontrar amizades, continuar a praticar o esporte.
Características dos encontros	Esporte de rendimento	Jogos cooperativos
Competitividade	Competitividade esportiva	Competitividade lúdica

Diferenças entre os grupos masters “Sobreviventes” e “GFAB”

As atletas entrevistadas participam de dois grupos masters diferentes, o "GFAB" e "Sobreviventes", apesar de ambos os grupos terem sido formados para a prática do basquete, os objetivos se diferem. O grupo “GFAB” se formou devido ao acontecimento de um campeonato brasileiro de basquete master sediado em Maceió e para formar times locais para a participação neste campeonato, algumas ex atletas se reuniram e começaram a treinar, formando assim o grupo, os treinos acontecem duas vezes por semana, supervisionados por um técnico, este grupo visa a promoção do basquete master como exercício físico e a disseminação e a ampliação da prática esportiva, evidenciando assim, a participação em competições.

A formação do grupo das Sobreviventes foi a partir de duas ex atletas, uma delas, formada em Educação física e técnica de basquete, as mesmas começaram a procurar, chamar e juntar, algumas antigas colegas de treino e algumas ex atletas que tivessem um determinado perfil para compor o grupo. Existe uma série de regras para o funcionamento e participação no grupo, assim como comissões para uma melhor organização dos encontros e eventos, além do basquete em si, a vivência do encontro para jogar basquete é fundamental para este grupo, os reencontros, as conversas, as brincadeiras, a experiência plural que esse encontro proporciona.

Algumas das principais diferenças que podemos notar nos grupos é que o grupo das “sobreviventes” tem características mais voltadas para jogos cooperativos enquanto as “GFAB” tem aspectos mais direcionado para o esporte de rendimento, onde uma das diferenças entre esses dois conceitos está nos objetivos e regras, o jogo configura-se como uma atividade recreativa podendo ter suas regras modificadas e apresenta como objetivo principal o entretenimento não tendo interesse e empenho nos treinamentos para competições e apresenta uma visão de jogo no qual os jogadores jogam uns com os outros, não contra o outro, tem o interesse de superar adversidades, jogar pelo prazer e com empenho cooperativo para alcançar um objetivo em comum (BROTTO; PAES 1999).

Já o grupo “GFAB” assemelha sua ideia como equipe ao esporte de rendimento, pois refere-se a uma atividade física mais oficializada, com as regras do basquete já pré-estabelecidas e seus treinamentos visam um bom desempenho

evidenciando um caráter competitivo aspirando a participação em campeonatos e apresentam grande satisfação em competir e, até mesmo, o desejo de empenhar-se pelo sucesso nas competições que participam. Com isso, o esporte de rendimento segundo Cechin *et al.* (2014, p. 470) pode gerar motivação:

a motivação competitiva, ou simplesmente competitividade, pode ser orientada à vitória ou orientada a um determinado objetivo (sem, necessariamente, incluir a vitória nesse objetivo) [...] e pessoas com orientação a um determinado objetivo possuem um foco motivacional dirigido a padrões de desempenho pessoal, querem melhorar as suas marcas, melhorar suas habilidades.

Os sentidos atribuídos à competição também diferem, enquanto o grupo do “GFAB” carrega um nível de grande competitividade, que apesar de estarem na categoria master, onde socialmente presume-se que o nível de competitividade cairia, para essas atletas a competição é um valor que continua viva e latente no seu relacionamento com o basquete desde os seus treinamentos aos eventos esportivos, nos quais se orgulham e lutam para participar e conseguir conquistar bons resultados, apesar da falta de incentivo. Pois, o ato de competir estimula essas atletas a se desafiarem e buscarem seus objetivos ainda no mundo do esporte. Percebemos isso nas falas das atletas, onde elas nos contam algumas competições que participaram com a equipe.

A gente começou em 2017 a competir, a participar dos campeonatos brasileiros, o campeonato norte nordeste e o Max internacional que tem em Salvador que são as principais competições do master. O Panamericano Master pelo Brasil foi uma experiência inenarrável, no primeiro ano que a gente competiu juntas nos 30+ a gente ficou em quinto lugar, mas a gente não desistiu e no ano seguinte no Norte Nordeste ficamos em terceiro lugar contra grandes equipes como Maranhão e outras equipe se aí fomos nos animando. E depois nós fomos para o Max internacional em Salvador e fomos campeãs e em novembro que foi o último nós fomos vice campeãs em Vitória no Espírito Santo no brasileiro (Atleta 8).

As duas competições que eu participei que foram as mais marcantes foi o Campeonato Brasileiro Master 2018 que a gente foi vice-campeão brasileiro a gente só perdeu para o Mato Grosso do Sul que foi campeão e assim tinha meninas da liga que jogava no profissional e a gente lá como amador chegar em segundo lugar e ainda teve que lidar com o preconceito né de ouvir que vai jogar contra Alagoas, que é tranquilo e chega lá na quadra e ver que a gente não estava de brincadeira, o time da gente é sempre muito raçudo e o outro campeonato foi o Max internacional em Salvador que fomos campeãs que a gente fez na final contra o time de Pernambuco e nós conseguimos ganhar foram as duas mais marcantes eu acredito da vida adulta (atleta 10).

Já as atletas das “Sobreviventes” percebem a participação em competições de forma mais lúdica, como um complemento para essa prática prazerosa, uma espécie de culminância que expressa o resultado dos encontros. Como vemos nas falas abaixo:

Tudo transforma-se aqui numa grande brincadeira sempre, nossos encontros, nossas confraternizações com acompanhantes ou sem acompanhantes a gente sempre teve essa ideia de que a gente precisa gostar de estar junto para que isso dê certo não é à toa que apesar da gente não tem um grupo focado em competição (Atleta 13).

Com o tempo fui vendo como o grupo vai muito além do basquete em si apesar do objetivo principal ser o “racha” mas vai muito além disso é praticamente uma terapia se a gente tá mal tá estressada vai lá botar para fora brinca se diverte (Atleta 15).

Esse grupo é maravilhoso, um grupo seletivo de pessoas do bem e que só tá ali para se divertir muito, a gente participa também de alguns campeonatos representando as sobreviventes, não são todas que gostam de participar, algumas gostam (Atleta 20).

Sendo assim, mulheres em faixa etária para categoria master que desejam se envolver com algum desses dois grupos, tem que ter em mente o que ainda almejam com o basquete para suas vidas e rotinas, visto que essas duas equipes apresentam ideias muito bem definidas do que querem para o basquete master, pois fica evidente que quem participa das “sobreviventes” desejam ter uma relação com o basquete de lazer, sem comprometimento competitivo, com intuito de unir-se a outras mulheres e se conectar com essas atletas de uma maneira amigável e unido a uma prática esportiva descontraída, para a melhoria de qualidade de vida. Já para as mulheres da equipe do “GFAB” o basquete é encarado como prática esportiva mais direcionada para o rendimento, e para a saúde, embora, os aspectos citados como prioridades da outra equipe também se façam presentes nesta. Galatti (2018, p.120) explica que:

O esporte deve ser compreendido como um fenômeno sociocultural que encontra na contemporaneidade um momento de valorização, manifestando-se em diversos cenários, envolvendo diferentes personagens, que lhe designam variados significados.

Sendo assim, qualquer forma de realização da prática esportiva é válida, independentemente da finalidade, ou do seu sentido atribuído traz inúmeros benefícios para os praticantes, no basquete não é diferente, ele promove bem-estar físico e mental para estas mulheres atletas que encontram um momento de auto

cuidado, de reconexão com algo prazeroso e marcante na sua trajetória de vida, encontram outras mulheres com o mesmo propósito e amor, mesmo que tenha histórias de vida e rotinas totalmente diferentes.

Cada uma das atletas entrevistadas possuem uma enorme demanda de responsabilidades e problemas que a vida adulta traz, relacionamentos amorosos, vida profissional, filhos, doenças, cuidados com os pais, vários fatores que dificultam a permanência no esporte. Porém, em cada relato, o amor pelo esporte era evidenciado, e mesmo com todas as dificuldades, estas atletas insistem, resistem e fortalecem o basquete a cada dia mais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise e interpretação das falas das atletas do grupo das sobreviventes e do grupo GFAB, podemos identificar as representações sociais do basquete master feminino ao longo de suas vidas. Foram identificadas cinco categorias que descrevem estas representações e reafirmam os sentidos e significados que estes grupos atribuem ao basquete, as categorias foram: Oportunidade de vida, atividade prazerosa, vontade de poder, retorno ao passado e união para além da quadra. Todas estas categorias descrevem de forma positiva e benéfica a prática do basquete, além das contribuições do basquete nos aspectos físicos e socioemocionais de cada atleta. Porém, embora as categorias encontradas tenham sido comuns a ambos os grupos, alguns aspectos diferem, como a formação do grupo, os objetivos do grupo, as características dos encontros e o sentido de competição.

Sendo assim, os sentidos atribuídos são plurais e transpassam vários aspectos da vida destas mulheres, seja emocional, físico ou cognitivo ou social. Desta forma, podemos concluir que não há apenas um sentido atribuído sobre o basquete na vida das atletas masters, e sim representações para compreendermos melhor a totalidade de seus significados. Com isso, seria interessante que novas pesquisas sobre o tema sejam realizadas, fomentando mais discussões sobre o tema, analisando os sentidos atribuídos tanto por homens quanto por mulheres, como também, que seja realizada de forma mais abrangente envolvendo mais equipes, mais cidades que possuam grupos de basquete master.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marivânia Conceição de. A teoria das representações sociais e a pesquisa antropológica. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano V, n. 2, p. 98-119, jul.- dez. 2008.

BERNARDES, Andrea Gomes; YAMAJI, Bruna Hatsue Santos; GUEDES, Dartagnan Pinto. Motivos para prática de esporte em idades jovens: um estudo de revisão. **Motricidade**, Londrina, v. 11, n. 2, p. 163-173, maio 2014.

BRAUNER, Vera Lucia. DESAFIOS EMERGENTES ACERCA DO EMPODERAMENTO DA MULHER ATRAVÉS DO ESPORTE. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 521-532, jun. 2015.

BROTTO, Fabio Otuzio; PAES, Roberto Rodrigues. **JOGOS COOPERATIVOS: jogos cooperativos**. 1999. 209 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Faculdade de Educação Física., Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

CAMPOS, Hiago Garbo de; ROSOLEM, Jhenipher Moniky; ZUZZI, Renata Pascoti. **Mulher e esporte: a participação de atletas brasileiras nos jogos olímpicos de verão**. 2018. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Faculdade de Americana, Americana, 2018.

CECHIN, Fernando Machado *et al.* Motivação competitiva de. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 469-480, set. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092014000300469>.

COSTA, Ana Maria Nicolaci da; ROMÃO-DIAS, Daniela; LUCCIO, Flávia di. Uso de entrevistas on-line no método de explicitação do discurso subjacente (MEDS). **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 36-43, 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722009000100006>.

GALATTI, Larissa Rafaela *et al.* ESPORTE CONTEMPORÂNEO: perspectivas para a compreensão do fenômeno. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 22, n. 3, p. 115-127, dez. 2018.

GARCIA, Carla Cristina. O gênero e as práticas esportivas das mulheres. Alguns pontos de discussão em psicologia social e do esporte. **Psic. Rev. São Paulo**, São Paulo, v. 27, n. , p. 497-517, 2018.

GAYA, Adroaldo *et al.* Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades. **Editora da Ufrgs**, Porto Alegre, v. 1, p. 17-607, 2004.

GOMES, Joao Henrique; MENDES, Renata Rebello; POLITO, Luis Felipe Tubagi; ZANETTI, Marcelo Callegari; BOCALINI, Danilo Sales; FIGUEIRA JUNIOR, Aylton José. ESTADO DE HUMOR, COMPOSIÇÃO CORPORALE DESEMPENHO FÍSICO DE JOGADORES JOVENS DE BASQUETEBOL AO LONGODE UMA COMPETIÇÃO. **Journal Of Physical Education**, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 1-12, 2018. Universidade Estadual de Maringa. <http://dx.doi.org/10.4025/jphyseduc.v29i1.2969>.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Lucerna, 2006. 95 p.

HILGEMBERG, Tatiane; MARQUES, Marcos Henrique Martins. A cultura da nostalgia como aspecto da mercantilização do futebol. **Revista de Estudos Universitários** - Reu, [S.L.], v. 46, n. 2, p. 307-321, 17 dez. 2020. Pos-Graduacao em Comunicacao e Cultura – PPGCC. <http://dx.doi.org/10.22484/2177-5788.2020v46n2p307-321>

MARTINS, N. E. G. ; SANTOS, E. M. ; SANTIAGO, L. V. ; NASCIMENTO, J. . Representações do esporte na cidade de Maceió. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. S1A, p. 676-688, 2014.

MINAYO, M.C de S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

MOREIRA, Natália Boneti; CAMPOS, Wagner. Vagetti, Gislaine Cristina. **Percepção da qualidade de vida em atletas do basquetebol master: associação com o nível de atividade física, dependência de exercício físico e lesões esportivas**. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Esporte para o desenvolvimento e a paz**: em direção à realização das metas de desenvolvimento do milênio. Nova Iorque, 2003.

PASTRE, T. G. F. L. O Basquetebol veterano do Paraná: a formação de grupos e instituições sociais. **Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação Física)**. Universidade Federal do Paraná, Brasil, 2006.

ROSTIROLA, Cesar Sette; MACHADO, Afonso Antonio; TERTUALIANO, Ivan Wallan. **A MÍDIA E O ESPORTE**: uma abordagem sobre o basquetebol feminino no brasil. 2016. 34 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

SANTOS, Vanice dos; CANDELORO, Rosana J.. **Trabalhos Acadêmicos**. Porto Alegre: Age, 2006. 150 p. Disponível em:
<[https://books.google.com.br/books?id=REvrU90M2OUC&pg=PA75&dq=entrevista+semi+estruturada&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjD_J7B7dDMAhXLHpAKHTeBBRQQ6AEIHTAA#v=onepage&q=entrevista semi estruturada&f=false](https://books.google.com.br/books?id=REvrU90M2OUC&pg=PA75&dq=entrevista+semi+estruturada&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjD_J7B7dDMAhXLHpAKHTeBBRQQ6AEIHTAA#v=onepage&q=entrevista%20semi%20estruturada&f=false)>. Acesso em: 05 de Agosto 2020.

SILVEIRA, Raquel da; ROSA, Scheila Morais da. Envelhecimento e esporte:: um estudo sobre os basqueteiros veteranos da cidade do rio grande/rs. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Rio Grande, v. 9, n. 17, p. 57-66, dez. 2010.

ANEXO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa **“A mulher no esporte: representações do basquete Master ao longo da vida”**, dos pesquisadores Professora Orientadora Leonéa Santiago, Dandara Bezerril e Juliana Omena. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina a identificar a fim de interpretar as representações sociais da prática de basquete ao longo da vida das atletas master.
2. A importância deste estudo é a de fomentar a discussão sobre o tema aumentando a visibilidade para os praticantes, como também, aumentar a quantidade das pesquisas com os masters de basquete nesta linha de investigação, além de afirmar o esporte como uma prática alternativa de exercício físico na vida adulta.
3. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: identificar os motivos que as levaram à prática do basquete master feminino, entendendo assim a representatividade do basquete ao longo da vida das praticantes, Buscar entender as semelhanças e diferenças entre os grupos “Sacramento” e “As sobreviventes”. E, além disso, pretende-se contribuir para o surgimento de novas pesquisas, visto que esta temática é um campo pouco explorado.
4. A coleta de dados tem início previsto para junho de 2021 e finalização em setembro de 2021.
5. Para o recrutamento das participantes, será enviado um convite individual por e-mail, na forma de lista oculta, onde será apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a sua anuência e prestados os esclarecimentos necessários. Após a assinatura do termo, as entrevistas serão realizadas pela ferramenta *google meet*, porém, apenas o áudio da entrevista será gravado, por meio dos celulares dos pesquisadores. Por se tratar de dados coletados *online*, seu armazenamento será arquivado e preservado no drive do gmail dos pesquisadores e será de responsabilidade dos mesmos, tendo seu sigilo e confidencialidade assegurados, uma vez concluída a coleta de dados, os pesquisadores apagarão todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, “nuvem” ou ambiente compartilhado.
6. A sua participação será nas seguintes etapas: assinatura do termo de compromisso livre e esclarecido; coleta de dados, por meio de entrevista semiestruturada.
7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são: desconforto ao responder as perguntas norteadoras da entrevista como também, as limitações dos pesquisadores para assegurar total confidencialidade dos dados, causando um potencial risco de sua violação. Para minimizar este risco, os pesquisadores farão o armazenamento adequado dos dados coletados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa, além disso, serão oferecido as participantes todo o suporte com profissional capacitado para lidar com tais situações.
8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente são: as possibilidades de reflexões e mais discussões sobre o tema norteador do estudo, além de contribuir para o aumento da visibilidade da modalidade.

9. Você poderá contar com a seguinte assistência: os pesquisadores terão o compromisso de propiciar assistência a eventuais danos materiais e imateriais, decorrentes da participação na pesquisa. Além de, quando necessário, prestar esclarecimentos a respeito do estudo sempre que a participante sentir necessidade, sendo responsável por eles: Professora Leonéia Vitória Santiago.

10. Você será informado(a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

12. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.

13. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

14. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).

15. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214- 1041. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimento científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12 e complementares).

16. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Eu, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da equipe da pesquisa:

Instituição: UFAL - Universidade Federal de Alagoas - Instituto de Esporte e Educação Física (IEFE)

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N Tabuleiro do Martins Maceió – AL

Cidade/CEP: Maceió/ 57072-900

Telefone: (82)3321-4810

Ponto de referência: vizinho ao Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (Hupaa)

Contato de urgência: Sr(a). Leonéa Vitória Santiago

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N Tabuleiro do Martins Maceió – AL

Cidade/CEP: Maceió/ 57072-900

Telefone: (82) 999277785

Ponto de referência: vizinho ao Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (Hupaa)

ATENÇÃO: *O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:*

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo , Campus A. C. Simões, Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs.

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, de de .

<p>Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas</p>	<p>Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demais páginas)</p>
---	--